

## A menina “problema”

Natália Woloszyn  
Acadêmica de Engenharia de Alimentos na UDESC

Eu acredito que um dos objetivos do Rondon, é proporcionar alguma mudança, por menor que seja em alguém que precise. E com esse objetivo, a equipe de Modelo, teve um desafio.



Fomos fazer uma tarde de atividades e jogos, em um bairro da cidade, quando chegamos, percebemos que havia uma garota de gênio muito forte. Pois, no primeiro momento, ela pediu para a professora de dança se elas iriam dançar naquela tarde, quando a professora disse que não e anunciou que teriam outras atividades, a garota ficou revoltada e disse que não ia fazer nada, ficou emburrada em um canto, junto com algumas amigas, rindo e dizendo maldades de quem participava. Então, percebi que deveríamos fazer alguma coisa e fui conversar com as meninas. No início, fiquei com medo da reação dela, pois a menina foi arrogante, metida e apresentava um “ar de superioridade”. Falei que eu também gostava de dançar e essa foi a nossa porta de entrada para nos darmos bem. Disse

que poderíamos dançar também, então conseguimos o som, dançamos, brincamos e demos boas risadas. No fim da tarde, quando já estávamos indo embora, a primeira surpresa: a garota pediu para que ficássemos mais.

A diretora de uma das escolas nos informou que essa menina não era fácil de conviver, pois era muito autoritária, de comportamento agressivo e “má influência”. No decorrer de nossas atividades, nos encontramos de novo com ela e percebemos o quanto ela impunha sua liderança em cima das outras crianças, pois era a maior delas. Batia em quem fosse contra, o que fazia com que todos tivessem medo dela, não obedecia nenhum tipo de regra imposta pelos monitores e professores.

Em nossas reuniões, decidimos que não iríamos excluir a garota de nenhuma das nossas atividades, para cada xingamento que ela nos proferia, responderíamos com sorrisos e abraços. Com o passar do tempo, conseguimos mostrar para ela, que o impor medo e autoridade não é a única forma de conseguir respeito, atenção ou amizades. Foi então que algo nos surpreendeu, em uma brincadeira de queimada, ela usava o fato de ser a maior, para pegar a bola e passar aos menores, alegando aos que reclamavam que “todos que estavam ali, tinham o direito de brincar também”. No último dia, quando nos despedimos, foi umas das cenas mais emocionantes, pois ela chorou muito, nos pediu desculpas pelo seu comportamento e disse que iria sentir saudades dos rondonistas.

Então, pegamos uma camiseta da operação, assinamos, escrevemos mensagens de apoio e entregamos à ela, como uma recordação.

São pequenos gestos que mudam uma pessoa, a confiança é uma delas. Ela nos ensinou que uma criança, por mais difícil que seja o contato, ainda será apenas uma criança que adora carinhos e brincadeiras. Devemos acreditar em cada pessoa, e não desistir dela, pois a recompensa sempre será surpreendente.